

**Discurso proferido na sessão 08 de agosto de 1946  
publicado no DANC de 09 de agosto de 1946, página 3964.**

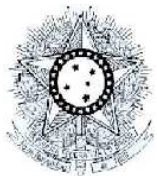
**O SR. OTÁVIO MANGABEIRA** – (Movimento geral de atenção; palmas prolongadas) – Sr. Presidente, Srs. Representantes, Sr. General Dwight Eisenhower: se existe e funciona esta Assembléia; se estamos aqui reunidos como delegados do povo para o fim de elaborar uma lei fundamental que assegure ao país a vigência de instituições livres; se o mundo, por estas horas, não se acha reduzido a uma situação de ignomínia, como se transformado, todo ele, em uma vasta senzala; se não subiu aos altares, afrontando o próprio Cristo, a divindade pagã da força tonitruante e a vida, no planetas que habitamos, não passou a ser alguma coisa que não valesse a pena de viver – é indiscutível que o devemos ao fato, à circunstância de, na guerra, de que ainda sentimos e sofreremos os últimos abados, a fortuna das armas ter sorrido aos países que nela se abateram, é certo, que por seus próprios interesses, pela sua própria soberania, pela sua própria independência, mas é verdade também que para afastar de sobre a humanidade um dos maiores perigos que jamais a ameaçaram, através das idades e dos séculos.

Por muito que, em qualquer parte da superfície da terra, tributos e honras insignes lhes tenham sido ou venham a ser prestados, nunca serão demasiadas as bênçãos com que os homens e os povos pagaram, ou se dispuseram a pagar, para redimi-los e salvá-los, em um lance tão decisivo da longa e atribulada história humana, o preço do supremo sacrifício.

Somos, temos a honra de ser, na nossa pátria, a representação nacional, o poder constituído pelo voto da Nação, para lavrar o documento básico da sua ordem jurídica, a estabelecer-se sob a forma da legalidade democrática. (Muito bem.).

Qual não deve ser o nosso júbilo, o nosso alvoroço, a nossa comoção, neste momento que há de ficar memorável no registro dos nossos Anais!

Os fatos são muitos recentes, para que ainda os tenhamos vivos e animados na memória. A civilização, com a entendemos – como a entendemos e amamos – fundada na liberdade, vimo-la estremecer, periclitante, sob a violência de um fenômeno só comparável ao dos terremotos e ao das erupções vulcânicas; porque, ao mesmo tempo que o edifício tremia nos alicerces, uma onda de ferro e fogo o atacava de todos os lados,



a pique de devorá-lo.

Eram duas grandes forças, duas as expressões de resistência em que repousava o monumento, e nas quais, por seu turno, se fundava a confiança geral na sua estabilidade: o exército francês e a esquadra inglesa. Bastaram, entretanto, algumas semanas de uma invasão, que se tornou fulminante, para que o primeiro baqueasse: e a decepção foi tão profunda, que chegou a parecer que era o começo do fim, senão o próprio desmoronamento.

Flor de beleza e cultura, tão cara ao orgulho da latinidade, a França incorrera no tremendo equívoco de só pensar na paz e para a paz, enquanto a potestade que se erguia, impetuosa e arrogante, da outra margem do Reno, só pensava na guerra e para a guerra. Como se o tormento inenarrável lhe tivesse turbado a razão, Paul Reynaud, Presidente do Conselho, apelava, pelo rádio, em termos lancinantes, para o Governo de Washington, pedindo-lhe, suplicando-lhe um socorro que sabia ser impossível, pois, naquela ocasião, os Estados Unidos da América nada mais eram que uma nação desarmada.

A imprevidência com que as democracias, as grandes democracias, não só não se preveniram contra a preamar totalitária, mas até a ajudaram a formar-se, tanto mais é uma lição que há de ficar para os tempos quanto é menos provável que escape à severidade da história.

A Polônia e a Tchecoslováquia; a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo; ao norte, a Dinamarca e a Noruega, tinham já caído em vassalagem.

Desumanidades incríveis, como a de que fora vítima a cidade de Roterdã, visavam apenas ao efeito de induzir os recalcitrantes a render-se pelo pavor.

Dias tenebrosos e terríveis! Os ingleses, batendo em retirada de Dunquerque, para recolher-se ao refúgio onde o oceano, em outras épocas lhes proporcionava o privilégio do isolamento esplêndido, já agora violável pelos ataques aéreos, foram ali aguardar o que a muitos se afigurou, e sobretudo ao agressor nazista, o último ato do drama.

Por uma ironia do destino, era do céu que deveria cair, como se fosse do inferno, por sobre as Ilhas Britânicas, a chuva que o inimigo preparara, para afogá-los em um mar de chamas, a que lhes não restariam outro recurso senão submeter-se.

Mas, possante, porém, do que as bombas, que deveriam descer das alturas, das alturas desceu sobre a Inglaterra o estímulo, o incitamento, a inspiração, para que lhes sobrassem as virtudes que haveriam de salvá-la: a perseverança, a firmeza, a intrepidez,



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

o heroísmo. (Palmas).

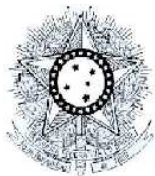
Um homem – desses que só os séculos produzem para medir-se com as calamidades, enfrentando-as e vencendo-as, e daí não serem, muitas vezes, os mais indicados, os mais próprios para construir sobre a paz – um homem se alcandorou a uma grandeza de que pode orgulhar-se a espécie humana (muito bem); e concitando os seus compatriotas a resistir sem limite, de colina em colina, de vale em vale, de povoado em povoado, de bairro em bairro, de rua em rua, em casa em casa, sim, a resistir até a morte – porque, em certas circunstâncias, antes morrer que render-se – resumiu, em três palavras, que comoveram o universo, a glória do sacrifício que a pátria reclamava de seus filhos: sangue, suor e lágrimas.

Suando, sangrando e chorando, a Inglaterra viu esgotar-se a capacidade de ofensiva com que o inimigo supusera que havia de aniquilá-la, antes que se estivesse esgotado a sua decisão de resistência. Quando, sangrando e chorando, espiou, sozinha, longos meses, os pecados do mundo. (Muito bem. Palmas).

Se ninguém lhe vinha em auxílio, em auxílio lhe veio a Providência, pela mão do próprio inimigo, que lhe deu, com a invasão da Rússia, um aliado cujo valor, sob todos os pontos de vista, demonstrado em presença da catástrofe, se tornou, desde logo, objeto de admiração universal. Nem será fácil dizer onde mais cresceu de vulto a União Soviética; se na fortaleza de ânimo com que, por entre os revezes, defendeu, palmo a palmo, o território por onde entrava, com ímpeto de uma inundação irresistível, o invasor, vitorioso, se na cólera sagrada com que, depois, o expulsou do território invadido. O mundo foi convidado a refletir sobre o que as reformas sociais tinham alcançado, em realizações, na poderosa nação que se dilata por dois continentes, e é, hoje, uma das três grandes potências a que se acha confiada, ainda na indecisão de meia luz de que se precedem as auroras, a sorte da humanidade.

Tão gigantesca, não obstante, era a máquina que o nazismo organizará, com o curso dos aliados, para impor seu predomínio, que, ainda juntos, a Rússia e o Império Britânico não bastariam para dominá-la, correndo, ao contrário, o risco de por ela serem dominados.

Agora, mais ainda que na guerra de 1914, o papel decisivo caberia aos Estados Unidos da América. (Palmas). Por fortuna da humanidade, encontrava-se, havia anos, na gloriosa torre de comando que é a Casa Branca de Washington, uma alma de timoneiro, que nunca se iludiu sobre a extensão, a natureza, o caráter, as perspectivas, os efeitos,



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

sobretudo os perigos da tormenta.

Quando, ao cabo dos esforços que lhe consumiram as energias, o conflito chegava a seu termo, e não havia mais nenhuma dúvida de que estava ganha a vitória, deu ele por encerrada sua missão entre os homens, e entrou na imortalidade.

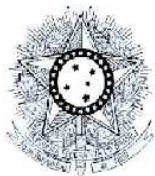
Bem haja no esplendor de sua glória de autêntico benfeitor do gênero humano – Franklin Delano Roosevelt. (Palmas prolongadas).

A Nação, inflexível no seu amor pela paz, na sua repugnância pela guerra, timbrava em manter-se neutra. Roosevelt, entretanto, era daqueles que, como Rui Barbosa, não podia compreender que houvesse neutralidade entre o direito e o crime. Guardaria, dentro da lei, a neutralidade militar, a neutralidade jurídica, a neutralidade política. Nada, porém, o obrigaria a guardar a neutralidade moral. Ajudou, como pode e quanto pode, a causa dos Aliados, até que a traição de Pearl Harbour levou o País a recorrer às armas.

7 de dezembro de 1941! Os fatos se incumbiram de mostrar que o que os japoneses, com o seu ataque, lavraram naquele dia, foi a sentença de morte do Eixo Totalitário. (Palmas).

A rapidez, a vertiginosidade, digamos o gênio de improvisação, com que a nação mais pacífica e mais antibelicosa que se possa imaginar, soube, todavia, transformar-se, aos olhos pasmos, do mundo, na maior potência militar, naval e aérea que o mundo já conheceu – eis o que já chamei desta tribuna, com toda propriedade, o milagre americano. Nunca se afirmou tão deslumbrante a eficiência de que são capazes, sem que fosse preciso perturbá-las na integridade total, se assim me posso, exprimir, do seu funcionamento, as instituições livres.

Pessoal, não faltaria. Aí estava o civismo de um povo, cujo traço dominante é a compreensão do dever. Material, ainda menos. Aí estava a riqueza da nação, a maravilha, o prodígio da sua civilização industrial. Mas era preciso alguma coisa mais. Para dirigir os movimentos daquele formidável organismo, tão vasto quanto complexo, a quem ia caber nada menos do que transpor o oceano, para atacar no seu reduto o colosso, que havia feito, por assim dizer, do continente europeu, uma fortaleza inexpugnável, guardada por tropas de primeira ordem, e já provadas no fogo, precisava-se de chefes. Não bastavam, porém, chefes. Era preciso um chefe. Este chefe, por sua vez, teria que reunir, aos dotes de predicados propriamente de cabo de guerra, os de políticos e de diplomata, visto que tudo indicava que lhe viria tocar, como veio, aliás, a



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

acontecer, o supremo comando geral dos diferentes exércitos, tão heterogêneos, que iam lutar ombro a ombro contra o inimigo comum.

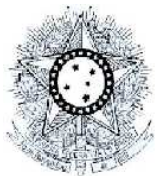
A esta altura, refletamos, Sr. Presidente e Srs. Representantes, sobre quão simpática é a figura dos chefes militares nos regimes democráticos. Eles se formam na obscuridade, na vida simples e rude das casernas, mourejando na penumbra, sem qualquer evidência pública, em geral desconhecidos. Pacifistas por índole, porque o zelo da paz é inerente à própria essência das democracias, preparam-se, honrada e devotadamente, para a contingência de uma guerra, que fazem votos ardentes por que nunca venha a acontecer. Quantos deles, feitos da massa de que se fazem os heróis, dão graças, contudo, a Deus, por morrer no anonimato, sobrepondo ao amor da glória o amor dos seus semelhantes! Mas a guerra é uma fatalidade imprescritível. Quando menos se espera, ei-la que irrompe; e eis que soa para eles a hora do destino. Ei-los que surgem dominando a cena, à frente do povo em armas, e o que tinha sido, até então, espírito de renúncia, passa a ser, de então em diante, espírito de sacrifício. (Palmas prolongadas).

A democracia americana encontrou nos seus quadros militares um chefe nas condições que as circunstâncias impunham. Era um general que, nascido no Texas em 1890, estava, na ocasião, entre os 50 e os 51 anos de idade. Desde que deixara, em 1915, a famosa Escola Militar de West-Point, não fizera senão aprimorar-se na carreira das armas, distinguindo-se por virtudes, profissionais e pessoais, que o impuseram, de modo verdadeiramente excepcional, ao apreço dos seus camaradas, fossem estes os que o comandaram ou os que o tiveram como comandante.

De posto em posto, de cargo em cargo, dando sempre exemplar desempenho às missões que lhe foram atribuídas, acabava de dirigir a Divisão de Planos de Guerra, e chefiava, no momento, a de operações do Estado Maior do Exército. Desambicioso e modesto, seu nome não se estendia muito além dos círculos restritos onde se vinham exercendo as suas atividades. Hoje, a fama o repete em toda a parte, e para exaltá-lo, basta proferi-lo: Dwight Eisenhower! (Palmas prolongadas).

Conquanto longa e penosa, dir-se-ia que ultrapassando as possibilidades humanas, foi uma jornada triunfal. Primeiro, o desembarque no Norte da África: novembro de 1942. Mais tarde, a invasão da Normândia; junho de 1944. Teve início o duelo dos gigantes, o ataque á fera, na toca.

A 8 de março de 1945, o nazismo, vencido, assinava a rendição incondicional. A



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

**Escrevendo a História - Série Brasileira**

cena passou-se em uma casa da cidade francesa de Reims.

Esta casa era uma escola. Desta escola saíram, para os séculos, algumas grandes lições. Uma destas lições nos ensina que todo orgulho se abate. (Aplausos).

“Os que se exaltam, serão humilhados”. E os chamados regimes de força não escapam à vingança do destino. (Palmas prolongadas). Porque, obras que são do mal, hão de ter contra si a maldição. (Palmas).

Quem quer que tenha sido acompanhado na época, o desdobramento do episódio, não poderá deixar de ter notado a serenidade e a segurança, a discrição, a compostura, o tato – o que tudo se resume em uma palavra – a competência – com que soube conduzir-se, para com os seus comandados, como igualmente para com os vencidos, sem exibicionismos impróprios, nem ostentações desnecessárias, reunindo, como cumpria, à arte militar, a diplomacia e a política, o general comandante.

A mais alta, a mais expressiva, a mais grata das homenagens que será possível prestar a um chefe militar vitorioso é a de retirar do esquecimento, sempre que for oportuno, para render-lhe o culto a que tanto fizeram jus, os que, tendo banhado como o seu sangue o campo de ação, lá ficaram para sempre. Façamo-lo nesta emergência com uma união tanto maior quanto entre eles figuram alguns dos que formaram na batalha e honraram a nossa bandeira. (Palmas prolongadas).

Não é menos certo, porém, que a mais adequada, a mais própria, a mais sublime das demonstrações com que a humanidade redimida poderá manifestar o seu conhecimento aos que por ela morreram, é a que consiste em proceder de maneira que o sacrifício que os roubou à vida não tenha sido em vão.

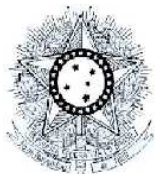
Cesse sobre a Terra a iniquidade: cesse sobre a Terra a tirania, que é o maior dos insultos à memória dos que se sacrificaram para que os homens e os povos sejam livres.

Saiba e possa cada povo, sobretudo os mais responsáveis, subir do plano dos seus interesses, dos seus preconceitos, porventura dos seus exclusivismos, ao nível de onde lhe seja permitido ver, no seu conjunto, o panorama, de modo a poder discernir entre os bons e os maus caminhos, buscando a estrada real pela qual vá ter o mundo a um reino de mais justiça entre as nações e entre os homens.

Só este reino poderá ser o de paz.

Saiba e possa a democracia prestigiar-se a si própria, pela fidelidade a si mesma, aprendendo, melhor que no passado, a desenvolver-se e organizar-se, não menos a garantir-se e defender-se, no plano da vida interna como da vida internacional.





## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

### **Escrevendo a História - Série Brasileira**

Saiba e possa cada povo, sobretudo os mais responsáveis, evitar as confusões, as falsas atmosferas, os equívocos, a incompreensão, a imprevidência, que levaram o mundo às crises de que proveio o absurdo, o contrasenso inaudito de duas grandes conflagrações mundiais no curso de uma mesma geração.

Maldito seja quem contribuir para uma nova catástrofe. (Muito bem.) Mas, se esta, por suprema das desgraças, vier a acontecer, que ninguém deserte seu posto, e o triunfo mais uma vez, pertença à boa causa.

O Brasil prega e cultua a fraternidade americana, como o concurso e a contribuição do nosso Continente para a fraternidade universal. Mas a fraternidade que preconiza é a que liga, não só os governos, nas suas relações oficiais, mas igualmente, e sobretudo, os povos, nos seus sentimentos mais profundos. (Muito bem.)

Orgulhamo-nos de ver, neste Hemisfério, uma nação da grandeza material e moral dos Estados Unidos da América. Tanto mais nos orgulharemos, quanto mais a sua influência no mundo que se renova, se fizer sentir na direção do bem da humanidade. (Palmas). Mais, talvez, do que a força imperativa dos interesses comuns, o que une, e deve unir, solidariamente, os brasileiros aos americanos, é a devoção aos mesmos ideais de dignidade política e generosidade humana: é Jefferson, com os princípios imortais da declaração de Independência; é Lincoln, admitindo a própria guerra civil, contanto que se varresse do país a praga da escravidão; é Roosevelt, opondo ao totalitarismo a bandeira das quatro liberdades. (Palmas).

Recebe hoje esta Assembléia a visita, que tanto a sensibiliza, de um soldado coberto de glórias. Que a consolidação da paz no mundo lhe permita poupar-se à contingência de ter que voltar ao campo de batalha.

Quanto à saudação protocolar, que me honrastes, Sr. Presidente e Senhores Representantes, com a incumbência de dirigir-lhe, em nome do país aqui presente na representação nacional, direi, ao encerrar este discurso, que, se assim me fosse lícito, preferiria fazê-lo por meio de uma simples reverência, mais eloqüente que quaisquer palavras, inclinando-me, respeitoso, diante do General Comandante Chefe dos Exércitos que esmagaram a tirania, e beijando, em silêncio, a mão que conduziu à vitória as forças da Liberdade! (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é entusiasticamente cumprimentado).